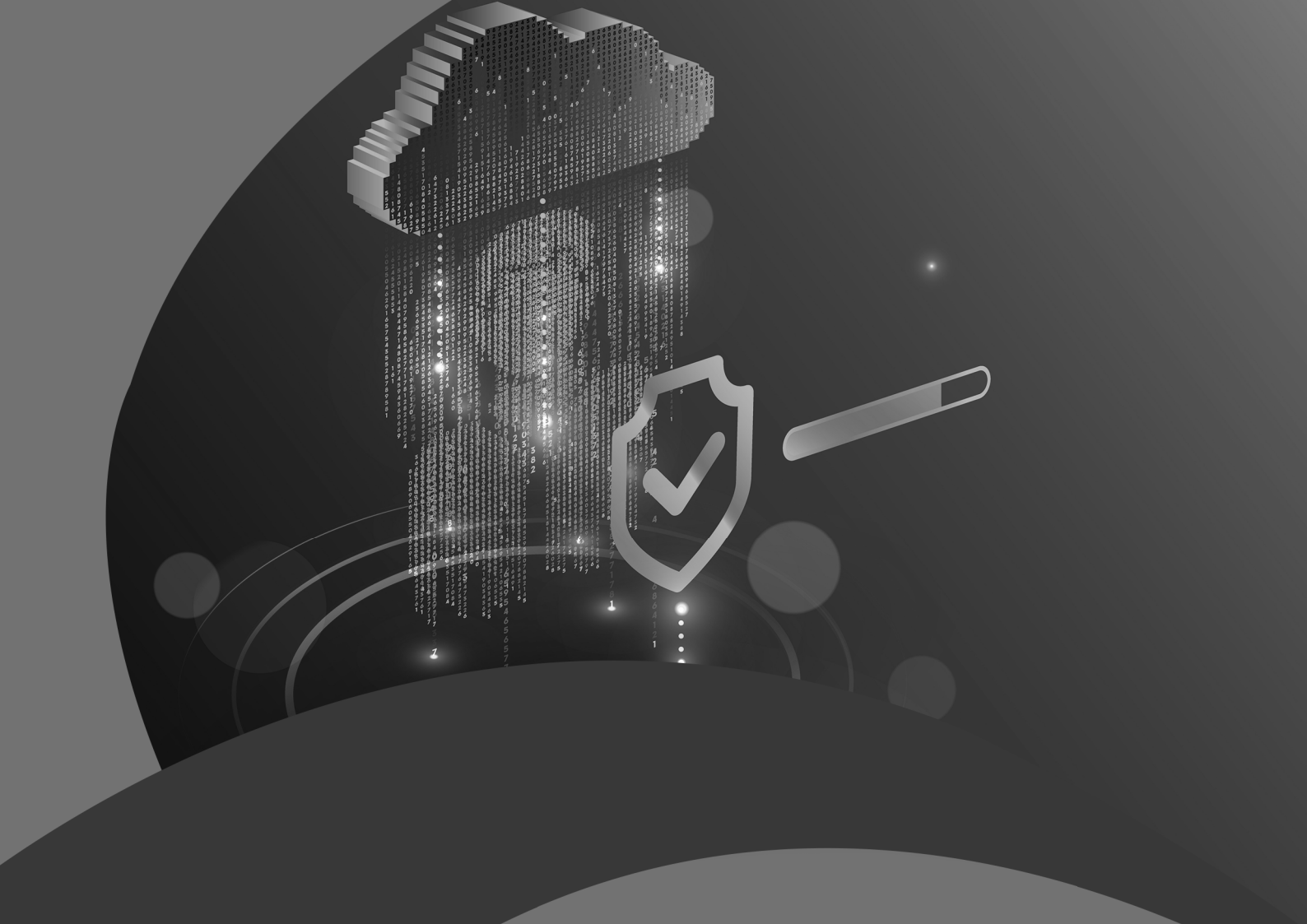




Marcelo Pereira da Silva  
(Organizador)

# Impactos Comunicacionais da Cibercultura na Contemporaneidade



Marcelo Pereira da Silva  
(Organizador)

# Impactos Comunicacionais da Cibercultura na Contemporaneidade

Atena  
Editora  
Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
134	<p>Impactos comunicacionais da cibercultura na contemporaneidade [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-769-7 DOI 10.22533/at.ed.697191111</p> <p>1. Comunicação social. 2. Computadores e civilização. 3. Tecnologia da informação. I. Silva, Marcelo Pereira da. CDD 303.483</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A Cibercultura ganhou relevância nas investigações sobre informação, usabilidade, comunicação, interatividade, redes e atores sociais “on-line” em todo o planeta. Essa cultura emergente surge com base nos avanços tecnológicos e técnicos que possibilitam a construção de novas socialidades, rearranjando a estrutura das relações entre diferentes sujeitos, nós e conexões.

Esse universo constrói uma ecologia e uma inteligência cognitiva, influenciando as medições sociais, políticas, culturais, religiosas, organizacionais, etc. É inegável a existência de um ciberespaço que se caracteriza por sua natureza incontável, dada a profusão de opiniões, acessos, expressões, diálogos, embates, etc., gerando uma cultura peculiar que segue em constante evolução.

Nesse sentido, este livro considera as múltiplas plataformas de mídia digital cruciais no erigir de um novo tempo e espaço no qual todos estamos inseridos. A comunicação e a democracia são duas faces de uma mesma moeda e as redes da Internet são o epicentro da legitimação da participação, colaboração e interação entre sujeitos, organizações e estados. A influência dos atores/usuários das mídias digitais é uma realidade sem volta, mas possui suas aporias, premência de uma sociedade mediatizante e consumista.

Em um mundo aberto no qual cada sujeito quer ter o direito e a liberdade de manifestar opiniões a respeito de tudo – e de todos –, as redes digitais são um habitat propício para tensionamentos e diálogos, já que distribui e compartilha as malhas de poder, antes concentrado nas mãos dos grandes conglomerados de comunicação e vincado no modelo “de um – para muitos”, possibilitando maior participação e legitimando o modelo de comunicação “de muitos – para muitos”, o qual é síncrono e independente das distâncias geográficas.

Os artigos que compõem esta obra levam em conta que a cibercultura provoca mudanças seminais no ambiente comunicacional, informativo e de interatividade, afetando rigorosamente as diretrizes de construção de significados e as relações de poder, haja vista sua complexidade sociotecnológica, cultural e as novas socialidades que constitui.

Os autores que perfilam por este livro apresentam temáticas que problematizam as relações de consumo, o cyberbullying, jogos digitais, comportamento de usuários, etc., no contexto de uma cultura digital, por meio de diferentes campos teórico-metodológicos. Debruçam-se sobre o cenário atual da cibercultura, convidando-nos à análise de suas vantagens, mas, também, de seus efeitos colaterais, os quais se enleiam, umbilicalmente, à ambivalente sociedade contemporânea.

Marcelo Pereira da Silva

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
APONTAMENTOS SOBRE O IMAGINÁRIO DA CIBERCULTURA	
Pablo Fabião Lisboa	
DOI 10.22533/at.ed.6971911111	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
O SITE DE REDE SOCIAL RECLAME AQUI: A EMERGÊNCIA DO CONSUMIDOR CONTEMPORÂNEO E OS DESAFIOS DA CONVIVÊNCIA	
Marcelo Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6971911112	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
ANÁLISE DE UM CANAL MUDIÁTICO ENQUANTO FORMADOR DE IMPRESSÕES E COMPORTAMENTOS EM USUÁRIOS	
Edson Fernando Sabadin da Silva	
Damaris Ferreira Hipólito	
Anita Teixeira de Mendonça	
Cristiane Moreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6971911113	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
CYBERBULLYING: O PROBLEMA E UMA OPORTUNIDADE PARA REFLEXÃO	
Gabriel Santos Pereira	
Rodrigo Neris Ferreira Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.6971911114	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
A SEMIÓTICA E A PERCEPÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NAS REDAÇÕES DO ENEM: UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE INTERAÇÃO DO ALUNO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	
Vânia Warwar Archanjo Moreira	
José Bernardo de Azevedo Junior	
DOI 10.22533/at.ed.6971911115	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
MOTIVAÇÕES DAS FAKE NEWS E A MANIPULAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA- ANÁLISE DAS NOTÍCIAS COMPARTILHADAS EM JULHO/2017 PELO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL) EM SUA FANPAGE NO FACEBOOK	
Ivanilce Santos Oliveira	
Tamiris Artico	
DOI 10.22533/at.ed.6971911116	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>68</b>
TEMPORALIDADES EM JOGOS DIGITAIS: UMA BREVE ARQUEOLOGIA	
Ednei de Genaro	
Gustavo Denani	
DOI 10.22533/at.ed.6971911117	

<b>SOBRE O ORGANIZADOR .....</b>	<b>84</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>85</b>

## APONTAMENTOS SOBRE O IMAGINÁRIO DA CIBERCULTURA

**Pablo Fabião Lisboa**

Universidade Federal de Goiás, Faculdade de  
Ciências Sociais  
Goiânia – Goiás

**RESUMO:** A partir de cotejamentos, trabalhamos neste texto alguns elementos que fazem parte do que se entende por o “imaginário da cibercultura”. O imaginário enquanto conceito surge no final do século XX a partir da crise dos paradigmas normativos de realidade ancorados na razão, se estabelece como abordagem metodológica onde convivem certezas e incertezas numa complexidade relativista que marca esse campo de estudos. Nosso estratagema parte da discussão do conceito de imaginário a partir da visão de Berger (2004), que confia na existência de duas etapas de socialização na construção do imaginário: a socialização primária que ocorre na infância e a socialização secundária que ocorre na introdução do indivíduo em novos grupos. Abordamos o “mito” enquanto um organizador do imaginário, que na visão de Scheiner (2008) é constituído pela eliminação da qualidade histórica das coisas, resultando em um elemento despolitizado acima do bem e do mal. Recuperamos o conceito de cibercultura de maneira descritiva, reconhecendo, nesse contexto, a presença constante do estudo

do “imaginário da cibercultura”. Ao final, realizamos análise da relação do sujeito atual com a noção de “mito” e da popularização do termo “mito” a partir de dados oriundos na rede social Instagram, onde identificamos algumas referências no atual cenário de publicações pelos perfis desta rede em relação ao termo, que dão conta de uma nova utilização do “mito” enquanto denominação de uma icônica e idolatrada distinção social, como nos casos das *hashtags* relacionadas a “Bolsonaro” e “Rogério Ceni”, apresentados neste trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** imaginário. mito. cibercultura.

### NOTES ABOUT THE IMAGINARY OF CYBERCULTURE

**ABSTRACT:** From notes, we work in this text some elements that are part of what is understood by the “imaginary of cyberculture “. Imaginary as a concept emerges in the end of twentieth century from the crisis of normative paradigms of reality anchored in reason, established as a methodological approach where certainty and uncertainty coexist in a relativistic complexity that marks this field of study. Our stratagem starts from the discussion of the concept of the imaginary from the view of Berger (2004), who points to the existence of two stages of



socialization in the construction of the imaginary: the primary socialization that occurs in childhood and the secondary socialization that occurs in the introduction of the person in new groups. We approach the “myth” as an organizer of the imaginary, which in Scheiner’s view (2008) is constituted by the elimination of the historical quality of things, resulting in a depoliticized element above good and bad. We recovered the concept of cyberculture in a descriptive way, recognizing in this context the constant presence of the study of the “imaginary of cyberculture”. Finally, we analyze the relationship between the current subject and the notion of “myth” and the popularization of the term “myth” from data from the Instagram social network, where we identify some references in the current scenario of publications by the profiles of this network in relation to the term, which appoint for a new use of the “myth” as a denomination of an iconic and idolized social distinction, as in the cases of the hashtags related to “Bolsonaro” and “Rogério Ceni”, presented in this paper.

**KEYWORDS:** imaginary. myth. cyberculture.

## 1 | INTRODUÇÃO

A representação enquanto um paradigma normativo teve seu esvaziamento no final do século XX abrindo espaço para uma diversidade de temáticas e abordagens, incluindo o tema do imaginário. Nesse contexto, nos debruçamos aqui, especificamente, sobre o imaginário da cibercultura que é tributário da presença cada vez mais constante, a partir principalmente da década de 1980, das tecnologias interativas digitais na vida das sociedades. Nesta esteira, nos parece plausível considerar o caldo de significados que reverberam dos fluxos informacionais e das trocas simbólicas entre os indivíduos de uma determinada coletividade por intermediação da tecnologia digital. Lancemos, então, um olhar para trás afim de reconstituir a caminhada do imaginário frente a razão. Júnior (1992), afirma que desde o século VI a.C. a racionalidade e a razão estabeleceram-se com primazia sobre o mito no pensamento ocidental. A verdade só era concebi se fosse por meio dos quadros da razão, restando ao mito um lugar hierarquicamente inferior. A racionalidade fortaleceu-se a partir do Iluminismo e teve sua consagração na ciência do século XIX. Vejamos o que Pesavento (1995) fala sobre isso:

se o século XIX marcou um ápice do pensamento racional, tal como vinha se desenvolvendo desde o século XVIII, esta mesma sociedade, norteadada pelo cientificismo e pelas imagens produzidas pelos avanços da técnica, voltou-se contra os seus pressupostos. Esta postura, de uma certa forma iconoclasta com relação aos valores, foi capaz de resgatar a importância das imagens na vida mental através da contribuição da psicanálise e da etnologia. Na opinião de Gilbert Durand, as duas vertentes, apesar de romperem com largos séculos de coerção contra o imaginário, instauraram uma hermenêutica redutiva: Freud, ao estabelecer o determinismo da libido sobre o psíquico, e a antropologia social, com Malinowski, Dumezil, Lévi-Strauss, ao cingir os símbolos à estrutura social (PESAVENTO, 1995, p. 11-2).

Logo, mesmo que identifiquemos certa redução imposta pela psicanálise e pela

antropologia, tão importante será reconhecer nas mesmas, instrumentos onde o imaginário teve abertura. A pertinência de tal discussão está situada na necessidade de o imaginário prosseguir com sua guerrilha de convencimento dos quadros teóricos do campo das ciências sociais aplicadas por intermédio de sua sociologia compreensiva que não se quer reveladora de verdades, tampouco premonitória de futuros, mas, sim, quer cumprir com a tarefa de, sob um determinado ângulo de visada, que não postula ser o único, relatar e descrever com maestria o cenário atual. Assim, o cientista do imaginário conjuga uma “mescla de antropólogo, de fotógrafo, de repórter, de cronista e de romancista, necessita captar e narrar a fluência, o extraordinário e a complexidade do vivido” (SILVA, 2012, p. 73). A abordagem imaginária estava na ordem do dia já no final do século passado se apresentando como uma tendência de pesquisa crescente e de forte apelo: “a crise dos paradigmas de análise da realidade, o fim da crença nas verdades absolutas legitimadoras da ordem social e a interdisciplinaridade” (PESAVENTO, 1995, p. 9) constituíram o contexto de abertura para outras abordagens onde o imaginário encontrou espaço para se desenvolver. Mesmo aquele sujeito mais racionalista não está inerte aos gatilhos e freios da imaginação e das seduções e medos do imaginário de uma época.

## 2 | IMAGINÁRIO E MITO

Toda pessoa precisa do imaginário coletivo para forjar seu próprio imaginário individual, pois somos um produto sociocultural de nossas relações. Ao defender essa prerrogativa, destacamos aqui um exemplo da necessidade que as pessoas têm de sociabilização que foi utilizada de maneira contundente no filme *Náufrago* (2001): a criação imaginária de “Wilson” (merchandising inteligente e muito eficaz desta marca de materiais esportivos). Ao se ver sozinho em alguma parte não habitada da terra, Chuck Noland, interpretado por Tom Hanks, interage com uma bola de vôlei da marca Wilson que estava ao seu alcance como maneira de “sociabilização”. Na ausência de pessoas, a imaginação de Chuck criou Wilson com fins de sociabilização. O imaginário é o motor da vida humana e brinca de dar vida a coisas, como forma de enriquecer a realidade com elementos criativos e subjetivos. Contudo, cumpre que façamos uma distinção básica entre o entendimento convencional e mais popular de uso do termo imaginário e sua concepção antropológica.

Num sentido mais convencional, o imaginário opõe-se ao real, na medida em que, pela imaginação, representa esse real, distorcendo-o, idealizando-o, formatando-o simbolicamente. Numa acepção mais antropológica, o imaginário é uma introjeção do real, a aceitação inconsciente, ou quase, de um modo de ser partilhado com outros, com um antes, um durante e um depois (no qual se pode interferir em maior ou menor grau). O imaginário é uma língua. O indivíduo entra nele pela compreensão e aceitação das suas regras; participa dele pelos atos de fala imaginal (vivências) e altera-o por ser também um agente imaginal (ator social) em situação (SILVA, 2012, p. 9).

Constatamos então, que, o sujeito passa por uma aculturação onde ocorre a absorção das regras sociais e nisso o imaginário de uma época é introduzido. Berger (2004) conceituou duas etapas de socialização: 1. A socialização primária adquirida pelo indivíduo na infância onde torna-se membro da sociedade; 2. A socialização secundária que introduz um indivíduo já socializado em novos setores no mundo objetivo (BERGER, 2004, p. 175). Na segunda etapa de socialização, já de posse de repertório social, o sujeito dialoga com e pelo imaginário compartilhado pelos seus pares em uma determinada época.

Silva (2012) inventariou alguns conceitos e noções que antecederam sua incursão teórica sobre o imaginário. Lacan, Gilbert Durand, Michel Mafesolli, Bachelard, Debord, Baudrillard e Morin foram citados e indiciados como autores de uma noção precária de imaginário, “um vazamento”, diz ele, contudo, esses atores foram precursores do tema e quadros importantes na pavimentação do terreno que viria a subsidiar as abordagens contemporâneas. Seu primeiro pacto com o imaginário vai ser baseado na declaração de que “não há centro na teia do imaginário. Todas as entradas desembocam na mesma altura da malha simbólica. Tudo é nó e conexão no tecido imaginal. Cada link, feito um ponto, é ponto de chegada e de partida” (SILVA, 2012, p. 11).

Mas se o “imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor” (SILVA, 2012, p. 12), como poderemos enquadrar aqui, a noção de complexidade do real? Se o real é impulsionado e formatado como complexo, onde existem representações e resultam em diversos reais a partir de distintos pontos de vista, o imaginário reverberará de uma diversidade de realidades, estruturar-se-á como ideal para retornar a uma diversidade de realidades como elemento propulsor. Nisso, o ideal como algo a ser estruturado vai ser pressionado tanto pelo “contagioso” imaginário coletivo quanto pelo imaginário já construído por e em cada indivíduo. Vejamos que, na visão de Silva (2012) “as tecnologias do imaginário são dispositivos de fabulação/mitificação que semeiam possibilidades criativas, grãos de percepção e concentrados existenciais a partir de choques perceptivos” (SILVA, 2012, p. 73). Já para Foucault (2000), o imaginário é concebido como um dispositivo,

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2000, p. 244 APUD MARCELLO, 2004, p. 200).

No contexto do imaginário, identifica-se o mito como âncora referencial num mar de marés dinâmicas de significantes e significados. Os mitos são formulações que guiam os sonhos e os medos das coletividades. Já vimos que Silva (2012) entende que o imaginário emana do real, passando por um filtro de estruturação ideal para retornar ao real. E é por esse crivo do ideal que os mitos serão mais

pragmatically utilizados. Júnior (1992) contribui com esse axioma transicional quando concebe o mito enquanto uma estrutura emanada da experiência humana. Diz ele, “expressa um mundo ideal, às vezes uma aspiração não conseguida” (JÚNIOR, 1992, p. 18). Mas, como o mito, essa âncora de significados das nossas reflexões, irá elevar-se a categoria de organizadora do imaginário? O mito, antes de mais nada, na sua filtragem ideal, precisa se tornar aseado, descontextualizado, despolitizado, purificado, simplificado, sintetizado, virtualizado.

O mito é, portanto, constituído pela eliminação da qualidade histórica das coisas: nele, elas perdem a lembrança da sua produção. É por isso que Barthes considera o mito uma fala despolitizada: pois ele não nega as coisas, a sua função é antes falar delas, purificando-as, fundamentando-as em natureza e em eternidade - e suprimindo, nesse processo, toda a complexidade dos atos humanos, toda e qualquer dialética, para “recriar” um mundo onde não há contradições nem profundezas; um mundo plano, que se ostenta em sua evidência e onde as coisas parecem significar sozinhas, por elas próprias. E como o real é sempre político, podendo manifestar-se pela linguagem-objeto (a que fala as coisas), não se expressará pela via do mito, que é a da metalinguagem (a que fala das coisas) (SCHEINER, 2008, p. 58-9).

É nessa despolitização e supressão do real efetuada na construção do mito, que Scheiner (2008) finca a impossibilidade do mito dialogar com as contradições do cotidiano. Existe uma imposição do mito sobre as coisas mundanas e justamente por isso que, qualquer coisa elevada a mito, estava acima do bem e do mau. “O mito, brotando da projeção imaginativa que o homem faz das máximas funções da vida, como nascimento, amor e morte, rege-se pelas regras próprias do símbolo” (JÚNIOR, 1992, p. 27).

Se todo discurso necessita de símbolos, e todo discurso é ideológico, podemos constatar que, o símbolo busca sempre direcionamento e esvaziamento do contraditório, sem, com isso, negar que os símbolos não são produtos de uma correlação de forças. O símbolo ou conjunto de símbolos, estão na base dos mitos. Contudo, todo símbolo necessita de um significado, de um entendimento, de uma imprescindível interpretação como forma de fazer valer a potência que existe em si. O mito empresta do símbolo a sua morfologia e dinâmica. Então, para que ocorra o processo de decodificação do qual falamos, Júnior (1992) apresenta quatro categorias de interpretação dos mitos: racionalista, psicanalítica, simbólica e fenomenológica. Na interpretação racionalista o mito é representado como inferior e por isso deve ser ultrapassado pois, a linguagem mítica não é da ordem do real e portanto é falsa. A interpretação psicanalítica tem em Freud e Jung os seus expoentes. Freud assemelhou os conteúdos dos sonhos às criações da imaginação, contudo delimitou a infância como o tempo onde traumas acontecem e para o tratamento do trauma, recorre-se a recordá-los para eliminá-los. “A psicanálise freudiana situa o tempo ideal dentro da história do indivíduo” (JÚNIOR, 1992, p. 33), ao passo que Jung concebe o inconsciente coletivo como uma matriz comum à todos. “O conteúdo do inconsciente coletivo são os arquétipos: tipos originários, formas e imagens da natureza coletiva

presentes e ativas em todos os homens” (JÚNIOR, 1992, 33), entretanto, a não possibilidade de, na perspectiva junguiana, saber a que esses mitos se referem, limita o alcance da psicanálise.

Se Jung (2014) afastou a ideia de penetrar no conteúdo do mito, Paul Ricoeur irá considerar o mito enquanto símbolo, e conseqüentemente como algo interpretável no que Júnior conceitua como a interpretação simbólica do mito. “De acordo com Ricoeur, o símbolo é a base de tudo” (JÚNIOR, 1992, p. 37). E por último, a interpretação fenomenológica, que prescinde de um profundo conhecimento do mito onde deve se conhecer os comportamentos humanos e sociais a partir dos contextos humano-sociais que os produziu. “O método fenomenológico representa, pois, um progresso sobre as interpretações racionalista e psicanalítica” (JÚNIOR, 1992, p. 39). O método fenomenológico não deve apenas atingir os fatos objetivos, mas também, encontrar a essência do mito, daí sua amplitude sobre os demais métodos.

### 3 | IMAGINÁRIO DA CIBERCULTURA

Lemos (2003a) pontou 15 tópicos para compreender a cibercultura. Um deles fora o “Imaginário da época”. O tema do imaginário da cibercultura foi indicado por Correa (2006) como um dos cinco temas centrais dos estudos em cibercultura no Brasil. Creemos que uma das principais marcas da cultura contemporânea é a interatividade que emerge da relação estabelecida entre percepção humana e máquina tecnológica na sua vertente digital. Essa relação interativa dá um passo a mais no que a humanidade conhece por interatividade e se estabelece processualmente modificando as partes e adaptando-as em um novo regime relacional mais complexo, que além de outras percepções, cria um imaginário específico: o imaginário da cibercultura.

Vejamos que, há mais de duas décadas que se investiga a cibercultura como um novo espaço antropológico onde paulatinamente fomos aprendendo a “navegar” e a sair de um texto e rapidamente acessar uma foto a partir da ligação de informações. Do uso de um hiperlink passamos a nos conectar com pessoas por mensagens de e-mail, mensagem SMS de telefones celulares e depois, por intermédio das redes sociais. Hoje a cibercultura é considerada como conceito consolidado no campo da ciência e dessa forma é muito presente na vida da maioria das pessoas e de maneira generalizada estamos imersos nela. De início, cabe ratificar que a palavra cibercultura é permeada por diversos significados, mas genericamente é entendida como “a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70” (LEMOS, 2003b, p. 12). Em Lisboa (2010, p. 24), está descrito sinteticamente duas das categorias vinculadas ao

imaginário da técnica a partir da oposição entre “apocalípticos e integrados”, que na visão de Eco (1968) é um enquadramento injusto por conta da não observância das diversidades e matizes das atitudes humanas. Tomando a cultura de massa como objeto de análise, explica ele, apocalípticos acreditavam que a mesma constituía-se na “anticultura”, enquanto integrados criam que ela ampliava o campo cultural para que os bens culturais se democratizassem e à todos chegassem. Tudo isso se deve ao mito de oposição entre homem e tecnologia. A técnica como controladora do homem é um mito rejeitado por muitos autores ao longo da história.

Heidegger poetiza a discussão com seus exemplos telúricos. O Moinho que abria suas pás ao vento não provocava a natureza, no sentido da acumulação e da transformação do meio onde estava situado. Já a extração de minérios provoca, altera, submete e devasta o ambiente interpelado. O espaço é transformado inexoravelmente, pela técnica, que passa de instrumento a demiurgo de um novo e imprevisível universo (SILVA, 2012, p. 29).

Otimistas e pessimistas tem dado relevante demonstração simplista e simplória (de dedo em riste) ao polarizar de maneira rasa homem e tecnologia. Na visão de Eco (1968) o *double* apocalípticos e integrados não revela antagonismo, mas sim, a predicação de dois adjetivos complementares, adaptáveis aos mesmos produtores de uma crítica popular da cultura popular (ECO, 1968, p. 13). Ampliando essa noção polarizada, apocalípticos e integrados estarão presentes, não sozinhos, mas como facetas de uma diversidade de sentimentos, pois, “a imaginação nos leva, permanentemente, a recriar o mundo a nossa imagem, mas amplificando-a, deformando-a, tornando-a imaginária. Nossos sonhos, nossas histórias, nossas imagens são as manifestações deste ato primeiro e vital” (LEGROS ET. AL., 2007, p. 233) que é o imaginário. William Gibson em seu livro *Neuromancer* de 1984, projeta um sonho, justificando o mérito de Legros (2007), acerca disso:

Como alucinação, o ciberespaço ensejava a ideia de um espaço criado na mente das pessoas. Era, assim, uma projeção, um local imaginado, e não exatamente um espaço físico, visto que as redes computacionais não configuram um espaço, mas um fluxo de códigos que trafegam em cabos, ar e equipamentos. Nos cabos, no ar e nos equipamentos existem códigos, e não espaço (ROCHA, 2016, p. 102).

Esse “lugar imaginado” criado por Gibson, foi possível graças à imaginação de algo que ainda não existia, mas que através de um sistema de representações foi viabilizado enquanto fantasia. “A tecnologia, portanto, esse concreto mais extremo, é produto do nosso imaginário. Assim, pode-se afirmar que tanto o imaginário é real quanto o real é imaginário (BARROS, 2014, on-line). Interessante caso aconteceu com Kekulé, que teve em 1866 um sonho onde imaginara átomos de carbono sob a uma serpente que mordida a própria cauda. Essa abstração imaginária resultou na ideia da estrutura em anel da molécula de benzeno (C<sub>6</sub>H<sub>6</sub>) (THUILLIER, 1988 APUD LEGROS ET. AL., 2007, p. 225). Aqui podemos perceber a riqueza que o imaginário pode criar. O sonho serviu de intervalo imaginal para, em sua plasticidade adormecida, sintetizar e canalizar um conjuntos de visualidades científicas até a

consolidação de um diagrama modelo.

O sonho de Kekulé beneficiou sua contribuição científica em uma bacia semântica construída na pulsação do imaginário que fora plasticamente formulada e apresentada no sonho. Fora sintetizada no sonho de um indivíduo, mas emergiu e foi difundida e compartilhada no espectro coletivo das imagens a partir de um simbolismo geral: “a comunidade é parte integrante de um vasto conjunto cósmico, do qual não passa de um elemento. De fato, no sentido mais simples do termo, é próprio da paixão comum sentir com outros, experimentar-se com outros.” (MAFFESOLI, 1997, p. 38). Maffesoli concebe a partilha da paixão como essência da comunhão de sentimentos. Essa característica não individual da partilha de sentimentos, conscientes ou inconscientes, encontra na psicologia sua explicação mais plausível dentro da ciência.

Vejamos que, Freud acreditava no inconsciente como sendo de natureza pessoal, composto de um espaço onde residem conteúdos esquecidos e recalcados. Jung fez uso dessa noção, mas ampliou a condição estritamente pessoal do inconsciente ao conceber uma camada superficial do inconsciente, como sendo de natureza pessoal, mas identificando uma camada mais profunda do inconsciente, como sendo coletiva. À este inconsciente coletivo, Jung chamou de arquétipos.

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos (JUNG, 2014, p. 51).

Portanto, os arquétipos partem do inconsciente coletivo, considerados como reservatórios de imagens latentes, ou como bacia semântica. São as “imagens primordiais” que herdamos de nossos antepassados. Os arquétipos são incontáveis pois são referentes às situações típicas das nossas vidas. Jung (2014) considera que as repetições das experiências acaba por deixar um rastro de formas sem conteúdo, onde há percepção e ação. “Quando algo ocorre na vida que corresponde a um arquétipo, este é ativado e surge uma compulsão que se impõe a modo de uma reação instintiva contra toda a razão e vontade, ou produz um conflito de dimensões eventualmente patológicas, isto é, uma neurose. (JUNG, 2014, p. 57)

Segundo Silva (2012), a partir das ideias de Michel Maffesoli, podemos entender o imaginário como “uma força, um catalizador, uma energia e, ao mesmo tempo, um patrimônio de grupo (tribal), uma fonte comum de sensações, de lembranças, de afetos e de estilos de vida.” (SILVA, 2012, p. 10) Inspirado em Maffesoli, Silva (2012) defende que o imaginário seria como uma aura que envolve e ultrapassa a obra. É antes uma atmosfera que não se vê mas se sente (SILVA, 2012, p. 12).

A aderência a cibercultura se deu, entre outras questões, devido ao sentimento de pertencimento que seus seguidores tiveram a algo que é inovador, sofisticado, tecnológico. Aqui podemos perceber um tempero ideológico amalgamado na tecnologia, e que de maneira alguma deve ser escondido ou negligenciado. Vejamos:

Estar-se-ia, pois, diante de um novo ingrediente: o da manipulação, que jogaria com os sonhos coletivos e com as forças da tradição herdadas de um cotidiano imemorial, forjando mitos, crenças e símbolos. Não se que reduzir, em hipótese alguma, o imaginário social à ideologia, nem opor a este jogo de intenções e socialização de ideias deliberadas o potencial libertador e subversivo da utopia. Não cabem posições maniqueístas que, inclusive, reduzem a complexidade do contexto social e a riqueza das representações possíveis que ele comporta (PESAVENTO, 1995, p. 23).

Inclusive devemos estar atentos ao assunto aplicando certa precaução a uma hipotética ditadura do digital e a favor da preservação da diversidade de linguagens (analógicas e digitais). Como um investidor moderno que não coloca todos os seus recursos em um só negócio, devemos utilizar e experienciar o maior número de instrumentos e ferramentas possíveis. Ou seja, uma “anti” cibercultura, não nos seria de todo ruim.

Avançando mais um pouco, se aplicarmos a noção de “gosto estético” de Bourdieu, podemos dizer que quem reivindica o tema da cibercultura pode ser reconhecido ou querer vestir uma identidade de alguém que tem espiritualidade nobre e avançada. De outro modo, aquele que não adere ao mundo tecnológico seria antiquado e conservador. O gosto estético em Bourdieu é uma ferramenta de distinção onde uns são superiores e outros inferiores, onde se experimenta a partilha social do gostar. Uma construção coletiva que visa, antes mesmo de acrescentar conhecimento, distinguir entre os que estão e os que não estão no espectro de determinada cultura, no nosso caso, da cibercultura.

Participar da cibercultura é agregar valor simbólico e um “senso de gosto” (BOURDIEU, 2007). De outra maneira, a aquisição e uso de tecnologias mais avançadas e itens de mercado mais caros, implica em maior distinção social e a agregação de um status tecnológico. No contexto do imaginário da cibercultura, temos como um dos principais conceitos míticos o desvio do tempo presente e o ideal de idade, corpo e performance. Por mais que, na modernidade, sejamos regidos pela linearidade do tempo, a ideia de supressão do tempo presente ou do desvio da linearidade e da regularidade de uma vida mecanizada é driblada pelas pessoas a partir de diversos artifícios.

Encontramos ainda no seio da civilização tecnológica, ritos, costumes e comportamentos que remontam aos conceitos míticos do tempo, particularmente no que se refere a evasão do momento presente e a aspiração para uma idade ideal. Toda forma de divertimento moderno: cinema, vídeo, jogos, festas populares, experiências provocadas por meios artificiais, como o uso de drogas alucinógenas, refletem uma determinada posição tomada perante o momento presente, uma posição que procura suprimir o tempo histórico (JÚNIOR, 1992, p. 71-2).



Do final da década de 1980, é exemplar a canção da banda de rock Titãs que diz: “Às vezes qualquer um faz qualquer coisa/ Por sexo, drogas e diversão/ Tudo isso às vezes só aumenta/ A angústia e a insatisfação”. A letra da música em tela, corresponde a narrativa de supressão do mundo presente em sua mais escancarada versão. Já, a internet, incrementou a ocupação do tempo presente com o tempo desviado. O desvio do tempo presente é evidenciado na vida pós-moderna, nos usos das redes sociais, na conexão generalizada, nas academias de ginástica, nas festas eletrônicas e nos demais ritos e comportamentos que vinculam-se com a ideia de suspensão do tempo presente. A aspiração a uma idade ideal é possível nas performances e principalmente nas imagens que minuciosamente são formatadas e publicadas nas redes sociais, que funcionam como filtros do rejuvenescimento. Não rejeitamos aqui outros tipos de usos que são aplicados as redes sociais, mas é nelas onde a simulação encontra ambiente fértil. Nas redes sociais, a performance dos perfis ultrapassa a performance das pessoas, na construção de uma realidade que se viabiliza através de um jogo simbólico específico. O mito do tempo suspenso, estancado, congelado, remonta ao desvio das civilizações primitivas que realizavam ritos de suspensão do tempo. Nessas civilizações tradicionais, o desvio do tempo presente se dava na intenção de encontrar o verdadeiro sentido das coisas, em outra direção o que acontece nas sociedades modernas é fuga como forma de proteção e defenderei o direito de dizerem, também, que se trata de outras coisas.

Com a proliferação da internet no contexto da cibercultura, tivemos o aprofundamento da mito de liberdade que na sua versão cibernética comovia as pessoas para a liberdade de acesso as informações do mundo. Se o computador é a rede, tem-se, ao alcance da tela, todas as informações da internet. Esse mito tem sido desgastado mas se encontra vivo. No filme biográfico “Snowden: herói ou traidor (2016)”, fica claro que a rede tem donos e é monitorada com certa facilidade pelas empresas de comunicação. Edward Snowden se tornou conhecido depois de divulgar a jornalistas uma série de documentos sigilosos que comprovam atos de espionagem praticados pelo governo estadunidense contra cidadãos comuns e lideranças internacionais. Snowden foi funcionário terceirizado da Agência de Segurança dos Estados Unidos. Se a internet é monitorada para fins políticos, como fica evidente no filme, logo, a liberdade na internet é um mito que nasceu com o exercício da liberdade mas que nos tempos atuais permanece apenas como mito. Contudo, o ato de Snowden configura um bloqueio ao sistema elevando o sujeito a categoria do mito do herói. Nessa conjuntura cibernética, pode-se dizer que o mito do herói disputa como mito da liberdade.

Por último, cito um fenômeno singular que vem ocorrendo nas redes sociais nos últimos tempos. Acompanhando publicações nas redes sociais, evidencia-se que o termo “mito” virou elogio, popularizou-se em comentários que, ao conferir distinção, eleva uma postagem (que revela uma atitude ou acontecimento) a condição mítica. É a popular “mitagem” que é determinada por comentários de quem elogia. “Mitar”

consiste em estar acima do bem e do mal, realizar ato de extrema primazia sobre os demais atos, ser elevado a uma categoria que necessita de tempo para se constituir mas que, mesmo assim, de tão relevante que aparenta ser, já deve ser reconhecido por mito. Na maioria das vezes esse elogio é proferido através da etiqueta “#mito”.

Numa rápida pesquisa feita no fechamento deste trabalho, buscou-se por “#mito” na rede social Instagram. Foram computadas 601.996 postagens com o termo e tantas outras milhares de postagens onde este era acompanhado de outros termos como por exemplo: #mitomania. As três (3) principais publicações de #mito merecem descrição como forma de observarmos as relações do termo “mito” nesta rede social: 1. Postagem de fotografia dos jogadores do São Paulo Futebol Clube, Rodrigo Caio e Rogério Ceni, na conta “rodrigocaio\_” em 22 de janeiro de 2018. Rodrigo saúda Rogério que parte para ser treinador em outra equipe (42.572 curtidas); 2. Postagem de vídeo que mostra uma pessoa em um aeroporto abordando de maneira hostil o Senador do Partido dos Trabalhadores pelo Rio de Janeiro, Lindbergh Farias, na conta “gilmarmbotelho” em 29 de janeiro de 2018. (31.870 curtidas); 3. Postagem de imagem com três (3) fotos, seguida de três (3) mensagens textuais: A. (campo superior) Ilustração de Cleopatra: “mitologia egípcia”, B. (campo médio) Ilustração de Zeus: “mitologia grega”, C. (campo inferior) foto do político Jair Bolsonaro: “mitologia brasileira”, na conta: “ojacaredetanga” em 29 de janeiro de 2018. (1.363 curtidas).

Assim, constatamos que os temas futebol e política são, neste momento, os que mais recebem o incremento do termo “mito”. Interpretando os dados podemos constatar que, foi considerado mito: 1. Um jogador em final de carreira que deixou um legado importante para um clube de futebol. Essa consideração não é polêmica pois, até membros de outros clubes consideram Rogério Ceni um jogador que deixou importante contribuição pelos feitos fora e dentro de campo. Goleiro, Rogério além de ter sido bem sucedido ganhando muitos títulos, é atualmente o jogador que mais vestiu a camisa de um mesmo clube na história do futebol mundial. Outro feito memorável é a marca de 132 gols feitos ao longo da carreira, que lhe deu o título de maior artilheiro goleiro da história do futebol mundial; 2. um ato cotidiano, em que pese sua ênfase, realizado por uma popular mas em relação a uma figura política pública de estatura nacional. Muitos significados podem ser extraídos desta postagem, mas a mais evidente é a da expressão de certo ódio aos políticos, principalmente aos políticos do Partido dos Trabalhadores que vem ganhando destaque pela mídia nacional. Desta postagem podem surgir diversos pontos de vista, não sendo nosso objetivo aprofundar esta questão aqui; 3. Uma relação entre as mitologias egípcia e grega e o político Jair Bolsonaro, que tem ganhado destaque nacional a partir do momento em que este, aparece nas pesquisas de opinião como postulante ao cargo de Presidente do Brasil. Jair Bolsonaro é também conhecido nas redes sociais como “Bolsomito”, como estratégia de elevar o humano ao mito. Bolsonaro é militar da reserva e deputado federal pelo Rio de Janeiro. Este político tem se destacado pelo ataque aos direitos humanos o que pode ser observado nos seus discursos, nas

matérias de órgãos de imprensa e outros.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Eduardo Portanova, “Aspectos de uma sociologia do imaginário na pós-modernidade: a razão sensível”, **Fórum Sociológico** [Online], 25, 2014. Publicado em: 10 Nov. 2014. Acesso em: 18 Abr. 2017. Disponível em: <http://sociologico.revues.org/920>

BERGER, Peter. **A construção do social e da realidade**: Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. Crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

CORREA, Denize. Estudos sobre Comunicação e Cibercultura no Brasil: Conceitos, Tendências e Clusters. In: **Razón y Palabra**. N. 53. 2006. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/antecedentes/n53/dcorrea.html>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. Espanha: Lumen, 1968.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JUNG, Carl. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

JÚNIOR, João Ribeiro. **As Perspectivas do Mito**. São Paulo: Pancast Editorial, 1992.

LEGROS, Patrick; MONNEYRON, Frédéric; RENARD, Jean-Bruno; TACUSSEL, Patrick. **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LEMOS, Andre. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo. **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003a.

LEMOS, André. Notas sobre a Cibercultura. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs.). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003b.

LISBOA, Pablo Fabião. **Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas**: processos de digitalização de acervos na era das tecnologias da informação e da comunicação. Dissertação. Memória Social e Patrimônio Cultural. Pelotas, PPGMSPC UFPel/ICH, 2010.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos. In: **Revista Educação & Realidade**. v. 29, n. 1. jan/jun. 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/25426/14752>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

**NÁUFRAGO**. (filme). Direção: Robert Zemeckis. Elenco: Tom Hanks, Helen Hunt, Nick Searcy e outros. Duração: 2h 23min. Gêneros: Aventura, Drama. EUA, 2001.

PESAVENTO. Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: Imaginando o Imaginário. In: **Revista Brasileira de História**. V. 15, N.o 29. São Paulo, 1995.

ROCHA, Cleomar. **Pontes, janelas e peles** – cultura, poéticas e perspectivas das interfaces computacionais. - 2ª ed. - Goiânia: MediaLab - CIAR UFG - Gráfica UFG, 2016.

SCHEINER, Tereza Cristina. Museu, a palavra, o retrato e o mito. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** – PPG-PMUS - UNIRIO - MAST, 2008, p. 57-73.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

**SNOWDEN**: herói ou traidor. Direção: Oliver Stone. Elenco: Joseph Gordon-Levitt, Shailene Woodley, Melissa Leo e outros. Duração: 2h 15min. Gêneros: Suspense, Biografia. EUA, Alemanha, França, 2016.

THUILLER, Pierre. **D'Archimède à Einstein**, Les faces cachées de l'invention scientifique. Paris, Fayard, 1998.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**MARCELO PEREIRA DA SILVA** - Pós-doutor em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, desenvolvendo o projeto intitulado: “Ecologia da Comunicação Organizacional – consumidores, instituições e públicos de afinidade nas redes sociais virtuais: interatividade, decepção, convivência e conflitualidade” (2018). Doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo na linha de pesquisa Comunicação Institucional e Mercadológica, defendendo a tese: “A comunicação corporativa e o discurso do consumidor contemporâneo nos sites sociais de reclamação: decepção e coabitação na rede – desafios e oportunidades” (2016). Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, apresentando a dissertação: “Sentidos de Brasil na imprensa argentina – A teia noticiosa do periódico *Clarín* (2009). Bacharel em Relações Públicas pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (2003). Atualmente, é docente permanente do Mestrado Interdisciplinar em “Cultura e Sociedade”, do Mestrado Profissional em Comunicação e do curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão, Campus São Luís. É diretor da Assessoria de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, coordenando os Núcleos de Relações Públicas e Cerimonial, Rádio e TV, Web Jornalismo e Produção Visual e Publicidade desde agosto de 2018. Coordena o Grupo de Pesquisa ECCOM – Ecologia da Comunicação Organizacional na Universidade Federal do Maranhão. É organizador dos e-books: “A Influência da Comunicação”, “Comunicação, Mídias e Educação 2” e “Comunicação, Mídias e Educação 3” pela Atena Editora.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise de conteúdo 60

Arqueologia 67, 68

### B

Bullying 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47

### C

Cibercultura 1, 2, 6, 9, 10, 12, 24, 25, 26, 48, 49, 58, 60

Comunicação 10, 12, 14, 15, 16, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 38, 41, 43, 48, 50, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 75, 84

Conexão 4, 10, 25, 41, 52, 57, 58, 77

Consumidor 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 71, 72, 75, 77, 79, 80, 84

Consumo 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 69

Contemporaneidade 15, 20, 82

Convivência 15, 22, 24, 38, 42, 84

Cyberbullying 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47

### D

Discurso 5, 25, 36, 50, 58, 59, 62, 63, 67, 68, 84

### F

Fake News 60, 61, 65, 66

### I

Imaginário 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 36, 59

Impressões 26, 27, 30

Interação 16, 18, 23, 24, 36, 39, 41, 43, 55, 58, 69, 73, 75

Interatividade 6, 19, 84

### J

Jogos digitais 68, 69, 70, 72, 75, 79, 80

### L

Legislação 44

## **M**

Manipulação 9, 57, 63  
Mídias digitais 19, 37, 38  
Mito 1, 2, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13  
Mobile 68, 76, 77, 79, 80, 81

## **N**

Notícia 45, 60, 61, 62, 65, 66

## **O**

Opinião Pública 60, 61, 62, 63, 64, 65

## **R**

Reclame AQUI 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24  
Redação 47, 48, 49  
Rede social 1, 11, 14, 15, 16, 41, 42, 61

## **S**

Semiótica 48, 49, 50, 51, 53, 54, 56, 57, 58, 59  
Sentidos 23, 25, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 73, 84  
Significados 2, 4, 5, 6, 11, 29, 50, 51, 52, 53  
Simcity 81  
Sites de reclamação 14, 15, 22

## **T**

Técnica 2, 7, 48, 64  
Tecnologia 2, 7, 9, 22, 32, 36, 45, 46, 48, 50, 58, 70, 72, 74, 75, 76, 80  
Temporalidade 52, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 77, 79, 81

## **U**

Usuário 14, 28, 38, 42, 45, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-769-7



9 788572 477697